

Boçal ou astuto? Indolente ou enérgico? As novas faces de D. JOÃO VI

ANO IV - Nº 44 - R\$ 10,90

HISTÓRIA

tt
Duetto

viva

www.historiaviva.com.br

CIGANOS,
perseguidos
sem parar

Segunda Guerra:
a fortaleza de
GIBRALTAR

Os civilizados
e refinados
FILISTEUS

ASTECCAS

Da grandeza à tragédia

A trajetória da mais sofisticada e poderosa
civilização americana dizimada pelos espanhóis



Toulouse-Lautrec, o artista das dançarinas do cançã



MORTE cerimonial, uma parte da VIDA

As mortes cerimoniais faziam parte dos rituais político-religiosos dos astecas, que acreditavam que os deuses deveriam ser alimentados com sangue

por EDUARDO NATALINO
DOS SANTOS

A realização pelos astecas e outros povos americanos de cerimônias que incluíam o homicídio e, em muitos casos, a antropofagia tem sido um tema de grande interesse para os leitores ocidentais nos últimos cinco séculos. Desde a conquista castelhana do Caribe, relatos sobre tais práticas chegaram à Europa e serviram de fundamento para classificar os povos da região entre aruaques e caribes, sendo os últimos todo e qualquer grupo que se opusesse à conversão ao cristianismo e à ocupação da região pelos castelhanos. A principal característica dos caribes, que se associaria ao fato de serem politicamente intratáveis, seria a prática do canibalismo. Esse termo deriva de palavras nativas como *caribale* e *caniba*, de início empregadas para se referir aos povos das Pequenas Antilhas e posteriormente incorporados ao vocabulário castelhano como sinônimo de comedor de carne humana. Sendo assim, em contraposição aos “pacíficos e amigáveis” aruaques das Grandes Antilhas, caribes passaram a ser supostamente encontrados pelos castelhanos em outras ilhas e na *Terra Firme*.

A classificação e caracterização desses povos seguia, desse modo, uma tradição narrativa e de pensamento de uma longa história no Velho Mundo: nas fronteiras entre o mundo conhecido e o desconhecido habitariam seres humanos ferozes

Depois de terem o coração arrancado, os guerreiros sacrificados eram jogados escada abaixo

que comiam a carne de seus semelhantes.

Com a chegada dos castelhanos e seus aliados tlaxcaltecas e totonacas a México-Tenochtitlán, em 1519, sob o comando de Hernán Cortez, os cristãos passariam a ter notícias de um Estado que realizaria assassínios cerimoniais em larga escala. Tratava-se da Tríplice Aliança, formada por México-Tenochtitlán, Texcoco e Tacuba. Essa coalizão possuía um México-Tenochtitlán, a cidade dos mexicas ou astecas, seu principal centro de decisões e recebimento de tributos, que chegavam de diversas regiões da Mesoamérica. Tenochtitlán também receberia um grande número de cativos, obtidos por compra ou capturados nas guerras, que estariam destinados à morte em cerimônias e solenidades públicas.

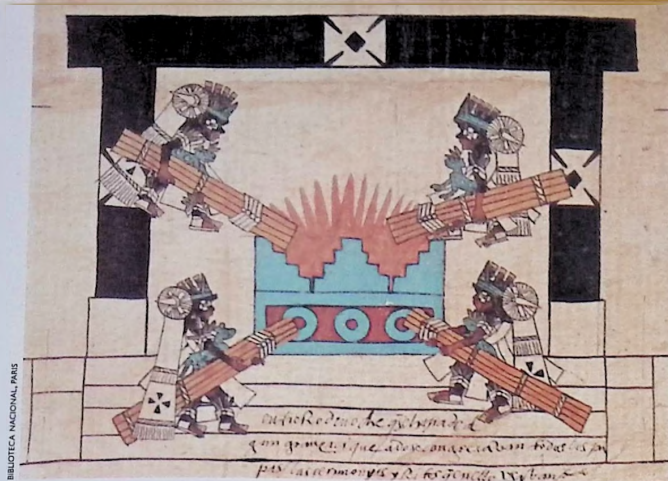
Após a queda de México-Tenochtitlán, em 1521, os vitoriosos cristãos e seus aliados indígenas, supostamente convertidos, evocaram como uma das justificativas da nova ordem político-religiosa a supressão dos “crimes” contidos nas antigas cerimônias que incluíam o assassinio público e o consumo da carne de outros homens. A mesma justificativa foi amplamente usada, depois de 1521, nas guerras justas posteriores, isto é, que submeteriam os povos e regiões que não aceitassem pacificamente a dominação dos castelhanos



BIBLIOTECA NACIONAL, FLORENÇA



Máscara cerimonial, feita com uma faca de sacrifícios e uma caveira humana



Do alto, sacerdotes alimentam uma fogueira cerimonial; acima, um calendário de festas

e seus aliados tlaxcaltecas, totonacas e, também, mexicas, entre outros.

Assim, a maioria das informações sobre o assassinio cerimonial e a antropofagia praticados pelos mexicas e outros povos americanos procede de escritos profundamente marcados por concepções e interesses políticos e missionários castelhanos. Não se trata de, com essa constatação, negar a ocorrência desse tipo de prática cerimonial em tempos pré-hispânicos, pois indícios oriundos de fontes nativas e de pesquisas arqueológicas não deixam

dúvida acerca de sua realização. Trata-se, ao contrário, de considerar com cuidado as informações contidas nos escritos do século XVI – principalmente no que diz respeito a quantidade, frequência e objetivos de tais cerimônias – e de compará-las com outros tipos de indícios para poder compreender, de modo mais contextualizado, as funções e importância que os homicídios cerimoniais possuíam entre os povos indígenas que os praticavam.

Quando os astecas se estabeleceram definitivamente no local escolhido para

a fundação da cidade de México-Tenochtitlán, por volta do ano 1325, a prática de assassinios cerimoniais de adultos e crianças era uma tradição de milênios na Mesoamérica. Alguns dos indícios mais vigorosos e antigos dessas práticas encontram-se, sobretudo, em centros cerimoniais olmecas e zapotecas do período Pré-clássico (1200 a.C.-100 d.C.) – embora também existam vestígios delas em contextos anteriores ou de menor intervenção humana, como em cavernas e no alto de montanhas. No caso dos centros cerimoniais olmecas e zapotecas – e, depois, também maias –, esses indícios são constituídos por restos humanos das vítimas e por representações ou escritos que os retratam. Tais práticas foram constantes na Mesoamérica nos períodos seguintes, isto é, no Clássico (100-900 d.C.) e no Pós-clássico (900-1521 d.C.), quando os astecas adentraram se fixaram.

Prática vinda do norte

Além de constituir uma antiga prática na Mesoamérica, parece que os homicídios cerimoniais também eram praticados nas regiões ao norte, isto é, na Aridoamérica, de onde os astecas, provavelmente, partiram em direção à Mesoamérica. Segundo alguns códices nahuas, como a *Tira de la peregrinación* e o códice *Aubin*, os astecas realizaram seus primeiros assassinios cerimoniais logo após saírem de Aztlan – sua pátria original – e passaram por Culhuacan, dirigindo-se a Tamoanchan. Neste local, Huitzilopochtli, uma espécie de homem-deus, que após sua morte continuou a tutelar os astecas por meio de seus sacerdotes, ordenou que se separassem dos outros oito grupos que os acompanhavam na migração. Logo depois dessa separação, quando já migravam sozinhos, os astecas encontraram os *nimixcoas* – homens que teriam caído do céu –, e Huitzilopochtli ordenou que eles fossem feitos prisioneiros e mortos por meio da retirada de seu coração. Com esse evento, Huitzilopochtli teria conferido ao

O sangue das oferendas nem sempre era de escravos ou de inimigos. Às vezes, era do ofertante, que se feria com espinhos

grupo uma nova identidade, dando-lhes em seguida o arco, a flecha e a missão de se tornar um povo guerreiro que lhe oferecesse vidas humanas.

As concepções políticas e cosmológicas mexicas se relacionavam estreitamente com idéias e práticas mesoamericanas mais antigas e difundidas. Uma dessas idéias é que antes da idade atual teriam existido outras três ou quatro, com finais marcados por cataclismos – chuvas de fogo, terremotos, vendavais e inundações –, pela morte da totalidade ou de parte dos homens ou por sua transformação em animais, como aves, macacos e peixes. Na passagem da idade anterior à atual, grandes inundações teriam colocado fim ao Sol e à humanidade. Essas tiveram de criá-los novamente. Essas novas criações teriam ocorrido em Teotihuacán. Nessa cidade, um conselho de deuses decidiu que alguém deveria buscar os ossos dos antigos homens no Mictlan – espécie de inframundo, onde estaria parte dos mortos –, tarefa realizada por Quetzalcoatl, que levou os ossos à deusa Cihuacoatl, que os moeu num algarado precioso. Os ossos moídos foram então regados por Quetzalcoatl com sangue retirado de seu pênis, dando origem aos homens atuais. Diante dessa realização, os outros deuses também fizeram oferendas de seu próprio sangue.

Em seguida, para criar um novo Sol e uma nova Lua, os deuses reuniram-se novamente em conselho e Nahuítcpatl – um rico e belo deus – se ofereceu para a auto-imolação numa fogueira, que resultaria na criação do novo Sol. No entanto, no momento de fazê-lo, o deus recuou com medo e Nanahuatl – um deus pobre, doente e desprezado – se atirou na fogueira e se tornou o novo Sol. Depois disso, Nahuítcpatl arrojou-se na fogueira, que

já estava em brasas e cinzas, e se tornou a Lua. Mas os problemas não estavam resolvidos, pois o novo Sol – chamado de Sol Quatro Movimento, o nome de um dia no calendário – recusava-se a sair do meio do céu. Exigia, para se mover, que houvesse oferendas de sangue, o que foi resolvido com o empreendimento de uma guerra pelos demais deuses.

Sem sangue, imobilidade

Todos esses episódios explicariam, para os mexicas e outros povos mesoamericanos, a fundação da ordem do mundo e de seu funcionamento e estabeleciam – ou eram o resultado da elaboração conceitual de – algumas práticas e funções que os homens deveriam desempenhar para a continuidade da idade atual. Nessas explicações, percebemos que as oferendas de sangue são centrais, seja o derramado por ferimentos do próprio corpo do ofertante – o que era praticado pela inserção de espinhos ou por cortes nas coxas, nádegas, língua, pênis e outras partes do corpo – ou pelo assassinio cerimonial de cativos comprados ou capturados durante as batalhas, algumas realizadas primordialmente com essa finalidade.

No caso dos guerreiros capturados e mortos em atos cerimoniais, ou

nas próprias batalhas, acreditava-se que seu sangue e sua “alma” iriam para o céu carregar o Sol em seu percurso diário, desde o nascente até o meio-dia, quando então as mulheres mortas no primeiro parto o conduziriam do meio-dia até o poente. Neste ponto, os mortos por causas “naturais” – todos os que não fossem guerreiros sacrificados em oferendas ou em batalha, mulheres mortas no primeiro parto, comerciantes assassinados em suas viagens e também vítimas por Tlaloc, isto é, por doenças atribuídas a esse deus ou por afogamentos e raios – tomariam o Sol e o ajudariam em sua travessia noturna do Mictlan ou Inframundo. Assim, os mortos e o oferecimento de sangue humano eram fundamentais para o funcio-

Guerreiros vestiam a pele diratadas dos inimigos para dançar



namento do mundo segundo os mexicas. Não derramar esse líquido precioso – do próprio corpo ou de outros – significava condenar o mundo à imobilidade e, portanto, à destruição.

Ao longo de sua história, a região mesoamericana conheceu diversos grupos hegemônicos que subordinaram, tributária e politicamente, outras etnias. As elites desses grupos, formadas em grande parte por guerreiros-sacerdotes, se apresentavam como mantenedoras do funcionamento do mundo e teriam, entre seus atributos, o derramamento do sangue humano em oferenda. Para isso, eram necessárias guerras e conquistas, as quais, por sua vez, fariam jus à posição de destaque social ocupada por essas elites.

As elites mexicas e seus domínios políticos representam, nesse sentido, uma grande continuidade em relação a modelos cosmológicos e políticos anteriores. Os assassinios de homens, mulheres e crianças eram realizados em festas e cerimônias, em meio a outros atos solenes. Em geral, a quantidade, frequência e tipo de derramamento de sangue obedeciam a preceitos

Antes de ser sacrificado, o jovem que representava o deus Tezcatlipoca era presenteado com quatro esposas

sintetizados no sistema de calendário. Um dos ciclos desse sistema era o ano sazonal, dividido em 18 vintenas mais cinco dias finais. Em cada uma dessas vintenas se realizava uma festa, e várias delas envolviam os assassinios cerimoniais.

Na vintena chamada Tlacaxipehualiztli, por exemplo, os mais valentes guerreiros capturados eram mortos pelos mexicas. O cativo era atado pela cintura ou pelo pé a uma grande pedra, de modo a se mover limitadamente. Entregavam-lhe então uma espada e um escudo ineficazes – poderíamos dizer “de brinquedo” – para que se defendesse diante de quatro guerreiros mexicas fortemente armados e ricamente ataviados. Na presença dos mais altos membros da elite mexica e de seus convidados, iniciava-se o “combate”. Ao primeiro toque das espadas com lâminas de obsidiana dos mexicas no corpo do cativo, a luta cessava e ele era morto por um sacerdote sobre a pedra à qual estava atado. Depois, sua pele era retirada – Tlacaxipehualiztli significa *esfolamento de homem* – e vestida por pessoas que haviam feito votos para se curar de doenças a Xipe Totec – Nosso Senhor, o Desolado, deus que caracteristicamente é apresentado vestindo uma pele humana e celebrado especialmente nesta vintena.

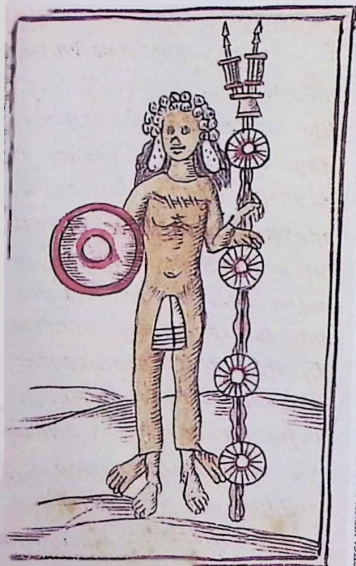
Guerreiro vestido com a pele de um morto em cerimônia religiosa

Na vintena Toxcatl, em meio a diversos outros atos cerimoniais, representava-se a morte do deus Tezcatlipoca. Um ano antes da morte, um jovem era escolhido para se tornar a imagem viva do deus – ou sua *ixiptla*. Durante todo esse período, era vestido e tratado como tal: recebia atenção e reverência, desfilava em procissões públicas e, alguns dias antes de sua morte, era presenteado com quatro esposas. Depois era morto numa cerimônia reservada a alguns sacerdotes.

Quase todos os guerreiros assassina-dos em cerimônias eram decapitados e sua cabeça era exibida no *tzompantli* ou *cerca de caveiras*, formada por diversas varas horizontais dispostas paralelamente, que atravessam conjuntos de crânios na região das têmporas. Os *tzompantli* mexicas eram exibidos no Templo Mayor, o complexo arquitetônico central de México-Tenochtitlán e onde circulavam e atuavam publicamente suas elites sacerdotais-guerreiras, as quais, por meio desse tipo de exibição, demonstravam seu poder.

Muitas outras cerimônias que incluem mortes cerimoniais estão descritas minuciosamente nos textos dos missionários castelhanos que atuaram no altiplano central mexicano no século XVI, como Bernardino de Sahagún e Diego Durán.

Uma de suas formas mais comuns – que em algumas ocasiões ou épocas



BIBLIOTECA PEDRICA LAURENZIANA, TORRENA

SAIBA MAIS

Hombre-dios: religión y política en el mundo náhuatl. Alfredo López Austin. Instituto de Investigaciones Históricas – Universidad Nacional Autónoma de México, 1973.

Deuses do México indígena. Eduardo Natalino dos Santos. *Estudo comparativo entre narrativas espanholas e nativas.* Editora Palas Athena, 2002.

Cidades pré-hispânicas do México e América Central. Eduardo Natalino dos Santos. Editora Atual/Saraiva, 2004.

seria realizada em larga escala e em diversos templos – seria aquela em que um prisioneiro era estendido, de peito para cima, sobre uma pedra angular ou arredondada que tocava apenas suas costas. Quatro oficiais, designados especificamente para essa função, seguravam as extremidades dos quatro membros da vítima, fazendo com que seu corpo se estirasse como um “X”.

Inspiração do diabo

Então outro oficial, hierarquicamente superior aos outros quatro, abria o peito da vítima com um punhal e arrancava seu coração, que era cuidadosamente depositado em um recipiente especial. Depois, em geral, o corpo inerte era lançado escada abaixo – grande parte desses atos seriam realizados nas plataformas elevadas dos templos – e recolhido pelos que o haviam ofertado, os quais iriam prepará-lo para ser consumido por seus parentes e vizinhos.

Essa predominância narrativa dos homicídios cerimoniais nos escritos dos missionários não significa, necessariamente, que o oferecimento de sangue humano ocupava a maior parte das solenidades mexicas, mas sim que era objeto central de atenção dos religiosos, pois representava para eles um dos maiores crimes que o homem poderia cometer. Este, para o pensamento cristão, era praticado por inspiração do inimigo, isto é, do diabo, uma força real que deveria ser conhecida e combatida. Sabemos, por esses mesmos escritos e por outras fontes, da existência de uma infinidade de atos cerimoniais que envolviam oferendas de animais, plantas, sementes, incensos e papéis, a realização de danças e o uso de bebidas e alucinógenos, entre outras coisas, os quais parecem ter tido também grande importância nas cerimônias e cosmologia mexicas e mesoamericanas em geral.

Há também textos nativos – produzidos por grupos inimigos ou rivais – afirmando que os mexicas teriam



Quatro sacerdotes seguravam a vítima e outro arrancava seu coração

assassinado cerimonialmente, no final do século XV, 80.400 homens na inauguração do Templo Mayor, nomeado nos *Anales de Cuauhtitlan* como “casa do diabo Huitzilopochtli”. Mas os vestígios arqueológicos e as informações dos códices pré-hispânicos não nos permitem tomar esses números como cifras realísticas. Tampouco permitem ratificar, como aparece nos escritos dos religiosos castelhanos, uma preponderância quase absoluta dos assassinios cerimoniais em meio às celebrações político-religiosas mexicas.

Vários códices, como o *Borgia* e o *Borbónico*, apresentam cenas de assassinios cerimoniais, mas quase sempre se trata de um ou poucos indivíduos e de atos separados por lapsos temporais consideráveis. As escavações no Templo Mayor, segundo a arqueóloga Leila Maria França, têm revelado restos ósseos de indivíduos assassinados cerimonialmente, sobretudo em oferendas enterradas nas bases dos edifícios por ocasião da inauguração de suas construções ou funcionamento. Tais indícios apontam para centenas de homicídios cerimoniais, inclusive de crianças, que somam 42 em uma das oferendas, segundo a arqueóloga. Em nenhum caso há indícios que cor-

roborem as cifras de dezenas de milhares mortos em apenas uma ocasião.

De todo modo, o problema da quantidade e frequência com que os assassinios cerimoniais eram realizados entre os mexicas não deve ser motivo para julgá-los como menos ou mais cruéis, a depender da quantidade de mortes cerimoniais que promoviam. Distintamente, trata-se de entender a importância relativa do papel político-cosmológico que esses acontecimentos poderiam ter em seu contexto histórico específico; e nesse sentido é importante saber se eram assassinadas cerimonialmente algumas dezenas ao longo do ano ou dezenas de milhares em uma única ocasião. Só assim seria possível situar adequadamente tais atos em meio a concepções e cerimônias que envolviam a oferta de uma série de outros seres, como animais, plantas e, também, deuses. Todos esses seres, inclusive o homem, possuíam, para os mexicas, um *status* muito distinto daquele que lhes atribuímos segundo o pensamento cristão-ocidental. Entendê-los, entre uma série de outras coisas, é fundamental para compreender os assassinios cerimoniais.

EDUARDO NATALINO DOS SANTOS
é doutor em história social e professor da
Universidade de São Paulo